

JOSE' GAMBELLO DE MELO REZENDE

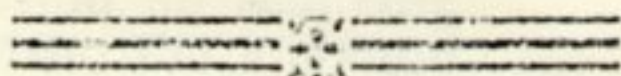
A PILETA

— DE —

CHICA PACULÚ COM O
CEGO VICTURINO

— E —

A SUJEIÇÃO DOS BREJOS DA
PARAHYBA DO NORTE



Preço 400 reis

A LIVRARIA LIMA, unica casa de
impressões de folhetos, memoran-
dums, facturas e todo e qualquer
trabalho typographico.

LIV. E TIP. LIMA—GUARABIBA

José Gamella de Mello Resende

A Peleja de Chica Paculú
com o cego Victurino e a Sujei-
ção dos Brejos da Parahyba
—do Norte—

CHICA P.—Senhor Cego Victurino
Diga se alguém lhe avisou
Qu'eu estava em Pilõesinhos
Cantando assim como estou
Porque si veio sciente
Vá sabendo abertamente
Qu'o diabo lhe enganou.

CEGO V.—Dona Chica Paculú
Eu antes fui avisado
Qu'a senhora estava aqui
Por isso eu vim tão vexado
Mesmo o dono do brinquedo
Desde hontem muito cedo
Me quiz fazer convidado.

CHICA P.—Então Cego Victurino
Saiba já nesse momento
Que quem vem cantar commigo
Admira ao meu talento
Visto que eu só canto bom
E que cantar foi o dom
Que trouxe de nascimento.

CEGO V—Tambem o dom de cantar
Minha mãe m'o pretendia,
Pois eu ainda em seu ventre
Ella não deixava um dia
De cantar uma canção
—Com muita satisfação
Das muitas que ella sabia.

C. P—Cantor que cantar comnigo
Aproveite o meu ensino,
Pois se ama ao verso errado
Eu lhe corto o seu destino
E nunca perdi questão
Mas faltava uma lição
Para o cego Victurino.

CEGO V—Será mais facil furzar-se
Com vva pedrada e lua,
Uma raposa com fome
Apanhar duma perua,
Porco gordo não dar graxa
Cachorro beber cachaça
(Que eu) levar lição sua.

C. P—Senhor cego Victurino
O senhor veja o que faz,
Porque se queimar-me o sangue,
Talvez que não cante mais,
Pois não temo a cantador
E hoje eu faço o senhor
Calar-se e me pedir paz.

C. V—Quando eu pedir-lhe socorro

O diabo me carregue,
Cobra me morda nos beiços
Ou uma onça me pegue,
Ou alguém me corte a lingua
E eu morra berrando a mingua
E a salvação Deus me negue.

C. P.—Tenho feito outros cantores
Que se dão a outra estima,
Pegarem suas violas
Pol-as de costa p'ra cima
E tenho gosto e não nego,
Si fizer hoje este cego,
Também perder sua rima.

CEGO V—Eu acho muito custoso
A maré se incendiar,
Gato se atolar em pedra
Peixe n'agua se afogar,
Gago falar em tribuna
Velhaco fazer fortuna
E eu deixar de rimar.

C. P.—Hoje eu amarro este cego
Em cima dum foguetão
Que custe um conto de reis
E chego nelle um tição,
E deixa o fogo subir
Pr'o cego se divertir
Sosinho nessa amplidão.

CEGO V—Acho que seja mais fácil
Uma preguiça correr,

Caixeiro pobre casar se
Mulher com dor não gemer,
Mudo solfejar toada,
Poeta sem namorada,
E quem nasceu não morrer.

CHICA P—Quando eu pego um cantado:
Não lhe respeito o tamanho,
E s'elle conhece um jogo
Eu lhe apresento outro estranho,
E faço delle um «peixote»
E s'elle tem grande dote
Duma só parada eu ganho.

CEGO V—Eu peço de coração
Quando eu não ganhar num jogo
Dê-me molestia dos pintos
«Cafute» caroço e gôgo,
Me pelam dentro de um caco,
Me coam dentro de um sacco,
E depois de jogar num fogo.

CHICA P—Senhor Cego Victorino
Convem que fique avisado,
Que vai metter-se commigo
Num trabalho mais pesado
E como o senhor é forte,
Se prepare para a morte,
Porque seu tempo é chegado.

CEGO V—Dona Chica Paculú
Pode vir quando quizer,
Venha lá com seu trabalho

Como hem lhe convier;
Porem me trate com geito,
Senão tambem não respeito,
Seus direitos de mulher.

Vamos ver senhor Cego Victurino
Si se atreve aguentar-me num duello
Veja bem, se o senhor não for ladino
Eu garanto que hoje o desmantello;
Pois cantor qu'eu pegal-o, desaponta
E pras pises que dei ja não ha conta,
E o senhor não resiste a meu martello

CEGO V—Veja bem D. Chica Paculú
Si se lembra de todo o mal que fez;
Ja não bote pimenta em seu angú
Pois se arrisca a comel-o desta vez.
E ninguém não sorria de quem chora;
Pois hoje chegou o dia da senhora
Ficar calma, vencida e mais cortez.

C.P. Eu garanto que hoje inda lhe peço
Para dar-lhe uma pisa d'encomenda
Pois jamais cantarei se achar um cego
Que combata conmigo e não se renda
E o senhor si tem bom merecimento
Se ajoelhe e não perca esse momento
De pedir a Jesus qu'eu não lh'o prenda

D. Chica, eu pretendo hoje deixal-a,
Sem rima, sem vida e sem repente;
Motejada do povo desta sala
Dando bofe, zangada—qual serpente

Que alguém lhe tirou todo veneno;
Bem capaz de fazer qualquer pequeno
Que lhe vir as teiças, cahir doente.

C.P. Já pensei em fazer grande recurso
Explorando este cego Victurino
Pois pretendo fazer delle o meu urso
E leval-o onde for o meu destino,
Pois não ha quem me deixe de pagar
Para ver esse meu urso dansar,
E resar as doenças de menino.

C.V--Eu pretendo pegar esta velhaca
(Visto qu'ella não é boa mulher)
Para della fazer uma macaca
E leval a onde meu destino der,
E cortal-a de ponta de chicote
Até ella fazer-me um grande dote
E vendel-a depois a quem quizer.

C.P - Eu odeio este cego sem estylo
Como a freira odeia o casamento
A gallinha faminta odeia ao grillo
E o bezo á qualquer mau pensamento
Como a moça na rua, á ventania
A coruja da mata á luz do dia
E o credor á quem faz mau pagamento

C.V--Eu odeio esta velha rabujenta
Como a velha odeia ao estudante,
Como o bóde a comida fedorenta
E o rapaz ciumento á falsa amante
Como o preso odeia ao carcereiro

O patrão a gravala do caixeiro
E o poeta a pessoa traficante.

Eu estando a lutar numa campanha
Ninguém ganha de mim minha victoria
E si meu inimigo for um cego
Logo o pego e lhe dou de palmatoria
Depois qu'eu lhe der tambem no rosto
Tenho gosto em contar minha historia

Quando eu travo uma lucta com mulher
Quem quizer venha ver ella apanhar
Pois jurei que a mulher eu não me venho
E pretendo fazer esta chorar;
Porque eu, só sacio o meu desejo
Quando vejo uma velha estribuchar.

C.P.—Este cego é velhaco e faz feitiço
Ja por isso ninguém lhe dá esmola,
Deixa fome e miseria aonde passa
Qu'a desgraça carrega na saccola
E se mette a querer cantar tambem
Mas não tem p'ra cantar uma viola.

Esta velha é malvada e resingueira,
Faladeira, ladrona e tagarela;
E a mulher que for noiva tenha medo
Que bem cedo ella veja o noivo della
Pois que quando ella gosta dum rapaz
É capaz de o tomar duma donzella.

CHICA P.—Senhor cego Victurino
Agora fiquei sciente

Que ja não posso vencer o
Pois é forte no repente.
Portanto o seuhor descance
Enquanto eu canto um romance
A pedido dessa gente:

C. V—Dona Chica Pactilú
Então pare seu rojão
Visto que sua viola
Precisa de afinação,
Porem antes de afinal-a
Eu vou cantar nesta sala
Desse brejo a sujeição.

**A Sujeição dos Brejos da
Parahyba do Norte**

Santa Musa dos Poétas
Da-me santa inspiração
E forças para cantar
Essa nová escravidão
Que de dia para dia
Augmenta em nossa Nação.

Hoje o Brasil quasi todo
Vae ficando escravizado.
Mas na Parahyba o jugo,
Ja se acha habilitado
Portanto eu solto clamores
Por ser filho deste Estado.

Pois é mais na Parahyba
Em toda zona Brejeira

Que a sujeição tem fruido
Com desmedida carreira
E creio que augmentará
Si não encontrar barreira.

Porque os homens do Brejo
Os que são proprietarios
Executam sem remorso
Os feitos dos sanguinarios
Pois fazem dos seus foreiros
Escravos—contributarios..

Hoje quem tem terra em Brejo
Vive dessa exploração
Obrigando a seu foreiro
Servir-lhe por sujeição
Quatro dias na semana
Como santa obrigação.

Então desses quatro dias
São dois em conta de fóro
E dois o pobre recebe
A mil réis com muito choro
E se reclama a quantia
Ouve grito e desaforo;

E si o pobre desgraçado
Não for na segunda-feira
Trabalhar a seu Patrão,
Tem que sahir na carreira
Porque hoje é esta a lei
Em toda zona Brejeira.

Tenho visto desgraçado

Que me causa compaixão
Rapaz com dezeseis annos
No serviço do «Patrão»
Ganhar cruzado por dia
Sem poder fazer questão.

Porque si o pobre coitado
Entender de se mudar
Não encontrará no Brejo
Um lugar onde morar
Si não quizer ser sujeito
Ao «Patrão» que lh'o arrendar.

Não quero dizer qu' o pobre
Passe sem ser jornaleiro
Porem o proprietario
Que sujeita seu foreiro
E' porque quer exploral-o
E gastar pouco dinheiro.

Porque nos trabalhos publicos
—Podemos ver a razão
Nunca faltou ganhadores
E não ha tal sujeição!
Ja se vê que ali se ganha-
E o pobre não faz questão.

Porem um proprietario
Não consente qu' um foreiro
Va ganhar em um só dia
A quantia do dinheiro
Que só ganhará em quatro
No jugo do captiveiro.

Portanto o pobre foreiro
Vive morrendo de fome
Pois o que ganha num dia
Num almooço se consome
E si não tiver farinha
De noite o pobre não come.

Porque o que tem farinha
Ceia pirão escaldado,
Feito com agua fervendo
Sem mais outro preparado
Chamam «Cabeça de Gallo»
Essa forma de guisado.

Os filhos do desgraçado
Que vive na sujeição,
Vivem nus como nasceram
Chorando a falta de pão;
Não crescem, são opilados
Porque só dormem no chão.

Já tenho visto mocinhas,
Tão magras, tão amarellas,
Trabalhando entre pessoas
Que não respeitam donzellas;
Porque seus proprietarios
Tambem sujeitaram ellas.

Si o pobre tem um cavallo
E não trabalha a semana
Devido alguma doença
Seu «Patrão» logo se «dana»
Manda buscar-lhe o cavallo
Para o canbito da canna.

Assim mesmo esses senhores
Dizem que tem consciencia
E mandam qu'o pobre tenha
Fé em Deus e paciencia
E qu'a pobresa é mandada
Pela mão da Providencia.

Por isso é qu'eu seupre odeio
O falso christianismo
Dos homens que só conhecem
Interesse e fanatismo;
Acho que estão retirados
Das regras do bom civismo.

Pois acho que o homem nega
Que não é civilizado
Quando faz de seu irmão
Por ser pobre—um desgraçado;
Acho ser peior qu'o bruto
Visto não ser baptisado.

Pois ja tenho observado
Muitos irracionaes
Unidos á seus congeneres
E terem razões iguaes,
Como vê se nas abelhas
Que vivem em santa paz.

Teahô visto boi urrando
No sangue do que morreu;
Como qualquer baptisado
Chorar pelo irmão seu,
já se vê qu'o bruto sente
Melhor que homem judeu!

Oh ! quanta fraqueza .
Ve-se então nos animaes
Portanto posso dizer
Que esses irracionaes
Têm alma melhor que o homem
Que captiva á seus iguaes.

Maldita a civilidade
Que nos trouxe Portugal,
Porque deixou como praga
No nosso Paiz Natal
Essa lei o homem pensa
Em captivar seu igual.

Enquanto a civilidade
Não entrou nesse Paiz,
Nossa terra era liberta
E não havia infeliz
Como os foreiros dos Brejos
No jugo dos «Patrões» vis.

Si na nossa Parahyba
Não houvesse a sujeição,
Qu' obriga a quem não tem terra
Trabalhar para um «Patrão»
Podia então se chamar
O Thesouro da Nação.

Porque os homens do Brejo
Tangidos pela ambição
Plantaram canhas nas terras
Que se plantava algodão,
Cafés nas terras que davam
Milho, arroz, fumo e feijão.

Por isso é que nosso Estado
Ja não está muito bem,
Porque lavoura de rico
Nunca enriqueceu ninguém,
E todo Estado é quem soffre
Quando a pobreza não tem.

Se a pobreza trabalhasse
Para si com liberdade,
O nosso Estado estaria
Em maior propriedade;
E talvez ninguém ouvisse
Falar-se em necessidade.

Pois o pobre é quem colhece
Toda nossa agricultura
E tem jeito p'ra tirar
Da terra culta a fatura
Enquanto o rico só tira
Da terra humosa, a usura.

Santo Deus dos desgraçados
Mandai ja que um vento traga
Para os cafés desse Brejo
Uma interminavel praga
Como a lagarta rosada
Que o algodão do pobre estraga.

Mandai tambem sem demora
Outra praga mais tyranna
Que tome vida nativa
Nos gomos doces da canna,
E quando der num partido
Acabe i, uma semana.

Ninguém não pense qu'assim
Se acabará com certeza
Dos brejos da Parahyba
Toda fonte de riqueza:
Isto não, pois virá outra
Trazida pela pobreza.

Pois não havendo essas fontes
Não haverá sujeição,
E o pobre então plantará
Milho, mandioca e feijão
Cebola, fumo e batatas
Inhame, arroz e algodão.

Então com estas lavouras
Novos recursos virão,
E basta o café do Rio
Para abranger a Nação,
E o assucar das empresas
Onde não ha sujeição.

Santo Deus dos desgraçados
Olhai para os brasileiros
Que na sua propria Patria
São tidos como estrangeiros
Captivados pelos homens
De quem se fazem foreiros.

Oh! homens proprietarios
Attendei que sois mortaes,
Si tendes alma no corpo
E si nella acreditaes.
Não captiveis vosso irmão
Si nas almas são iguaes.

Antes ter nascido bicho
Que nascer homem sujeito
Pois quando o bicho é liberto
Voz ou corre satisfeito,
Enquanto o homem pragueija
A quem lhe rouba o direito.

Levantai-vos Castro Alves
Do tumulo onde durmis,
Vinde ja neste momento
Com vossa lyra feliz,
Permutar as «Vozes d'Africa»
Pela do vosso Paiz.

E vós tambem liberdade
Quêde vossos defensores,
Aonde estão da Republica
Os antigos precursores !!
Que não ouvem da pobreza
Os gritos de seus clamores !...

Oh ! homens proprietarios
Tende mais philantropia,
Não consintaes que a pobreza
Viva sem autonomia,
E se vós sois demagogo
Desculpeis minha ousadia.

Quanto mais, ati, pobreza
Os meus clamores d'amigo
Ei não me junto contigo
E porque temo a Riqueza
Contudo a minha afoiteza
E favor do teu direito,
Mostrou que sente no peito
Enorme soffrer tambem
Famento como ninguem
O pobre viver sujeito

FIM